

DO MOVIMENTO DE JESUS ÀS COMUNIDADES PRIMITIVAS

O movimento de Jesus a partir da cruz e ressurreição

Os primórdios da comunidade cristã foram modestos e a mobilização dos primeiros cristãos não chamou a atenção do grande público. Um autor que escreve no fim do 1º século dC, como é Flávio Josefo, um judeu pró-romano, não tem muito a relatar sobre a presença das comunidades cristãs na Palestina ou na Diáspora. O grupo não teria ainda firmado sua identidade diante da comunidade judaica?

Os modestos inícios deram-se em torno do grupo de galileus, homens e mulheres que o seguiam e se entendiam como pertencentes ao movimento profético, anunciador do reino de Deus iminente.

Os acontecimentos trágicos, que culminaram na morte de Jesus de Nazaré, significaram um forte golpe para seu grupo de seguidores. Sua tortura e execução, contando com anuência dos líderes religiosos, teve um efeito devastador sobre o grupo, causando fuga e dispersão especialmente entre os homens. Um grupo de mulheres, no entanto, parece ter sido um pouco mais audaz, prestando as últimas homenagens ao líder executado (cf Mc 16,1 par.). O que pôs esse grupo novamente em movimento?

As fontes não nos revelam muito porque foram escritos a partir da ótica e da certeza da ressurreição já ocorrida. A perplexidade diante dos acontecimentos daquela 6ª Feira da Paixão mostra que o grupo não estava preparado para enfrentar tamanha repressão. A aristocracia sacerdotal e o poder do império, representado pelo procurador Pôncio Pilatos, não tolerariam esse movimento de renovação, de inspiração profética, próximo ao

movimento de João Batista. Jesus, naturalmente, compartilhava a crença apocalíptica da ressurreição de todos os mortais, dos fiéis para a vida eterna e dos ímpios para a condenação eterna (Dn 12; 2Mac 7).

Ao encontrar-se com o crucificado ressurreto, os discípulos e discipulas daquela primeira hora descobriram que o reino inaugurado pelo Deus de Jesus não pôde ser banido deste mundo pela força de império nem pela autoridade religiosa. Teve-se a certeza de que o amor venceu o ódio, de que a vida venceu a morte, de que o reino da graça superou o reino da lei que condena e discrimina.

A morte na cruz do inaugurador do reino significou num primeiro momento a paralisia total do movimento. A Páscoa é a devolução da alegria do futuro mundo de Deus invadindo a realidade presente. A mensagem do reino iminente voltou a ganhar urgência e pôs os integrantes do movimento do Jesus, agora crucificado e ressuscitado, de volta para entrarem nas cidades, aldeias e casas da Galiléia.

É provável que desse grupo das primeiras testemunhas venha a coleção de ditos de Jesus que a pesquisa exegética identificou na base do material do qual evangelistas como Mateus e Lucas se serviram para redigir seus evangelhos. Caso esses ditos reproduzam a atividade e o estilo desse primeiro grupo missionário, ter-se-ia a continuidade da prática itinerante iniciada por Jesus, com despojo dos bens e manutenção de uma postura crítica diante das estruturas de dominação romana.

O cristianismo judeu-cristão

Já muito cedo, Jerusalém abrigou grupos do movimento de Jesus pós-pascal. Devem ter-se agregado ao grupo dos doze, as mulheres do seguimento de Jesus e os parentes que no início da

atividade de Jesus ainda se mantinham à distância. Esse grupo de judeus-cristãos defendia um estilo de vida que cria na novidade do Evangelho, mas continuava fiel às tradições judaicas. Socialmente são identificados como os pobres de Jerusalém (Rm 15,26).

A comunidade sofre pesada perseguição, talvez por causa de sua postura questionadora diante das tradições judaicas, culminando com apedrejamento de Estevão e a dispersão do grupo de cristãos helenistas de Jerusalém (At 6-7). Esse grupo, após 70 dC, transfere-se para outras partes da Palestina ou integra-se à diáspora judaica.

O evangelho segundo Mateus constitui uma versão mais acaba desse diálogo teológico entre a Lei judaica e a novidade evangélica. Ele escreve para uma comunidade de maioria judaica de fala grega. Foi escrito já fora da Palestina, talvez na Síria, após a destruição do templo em 70 dC.

O cristianismo gentílico- cristão

a) A comunidade de Antioquia

Já em 37 dC instalava-se uma comunidade cristã em Antioquia, a metrópole da Síria, a terceira maior cidade do império depois de Roma e Alexandria, com uma população em torno de 500.000 habitantes. Era conhecida como “pequena Roma”. O cristianismo alcançava a metrópole, deixava de ser uma expressão interiorana ou camponesa. É no contexto da comunidade de Antioquia que emerge a primeira crise entre cristãos gentílicos e helenizados de um lado e cristãos judaizantes de outro.

Para os judeus-cristãos muita coisa estava em jogo ao abrir as portas para a entrada de gentílico-cristãos na comunidade cristã. A gravidade da situação fica clara ao notar-se que um judeu não

pode partilhar a mesa com um pagão. Torna-se impuro, indigno de qualquer confiança e pecador. Assim, surgem divisões familiares, afastamento de amigos e expulsões da sinagoga. O acesso a serviços como o estudo da Torá, os banhos rituais e o tribunal sobra restringido.

Com isso, a comunidade cristã gentílica e helenística é forçada a encontrar sua identidade fora da comunidade judaica.

b) Paulo, o apóstolo dos gentios e suas comunidades

Paulo prega o Evangelho nas populosas cidades gregas – Tessalônica, Corinto e Filipos – todas situadas na Europa. Entendeu o Evangelho como a novidade avassaladora para judeus e gregos, homens e mulheres, senhores e escravos (Fl 3,28). Além dos conceitos que ocorrem com frequência no Novo Testamento (como salvação, santificação e redenção) agora justiça, graça e liberdade também são integrados à boa nova.

Elejo para fins de síntese o conceito “liberdade”, central na carta aos Gálatas.

Como cidadão do mundo, saído de Tarso da Cilícia, ele faz uma leitura do seu tempo e de seu mundo. A partir do encontro com a boa nova de Deus, manifesto no Jesus crucificado e ressuscitado, ele mesmo viu sua vida anterior como presa a um mundo sem liberdade. O encontro com a novidade da mensagem cristã abriu-lhe os horizontes para uma liberdade jamais vista. Percebe isso em todas as esferas da vida, vê a sociedade em que está inserido produzindo contradições, escravizações e discriminações.

Paulo fala em liberdade de grandezas escravizantes da lei (Gl 4), do pecado (Rm 6) e da morte, mas fala também em liberdade para servir aos outros (Gl 5,13), servir à justiça (Rm 6,16-19).

O que está em jogo nesse radicalismo paulino? Para o apóstolo são dois modos de entender a vida, dois jeitos de pensar a existência:

O primeiro jeito de viver e de entender a existência é a partir da Lei. O que é esta lei contra a qual Paulo se volta? Ela é lei que se tornou independente de Deus, que escraviza os homens, fazendo-os acreditar que estão em correspondência à “justiça divina”. Paulo é direto: viver sob a lei não produz justiça, só a própria e essa não conta. Esta produz “jactância”, soberba e orgulho. E seu resultado é uma sociedade de classes produzida a partir da própria justiça (cf. Lucas 18: “... eu não sou como aqueles”). É um modo de existência onde resultados justificam vida com sentido. O resultado é um mundo de discriminações e de classes: entre os que conseguem cumprir essa agenda cheia de imperativos e outros que fracassam diante dela.

O outro jeito de pensar a existência, e isso Paulo descreve com seu conceito liberdade, é o de recebê-la de Deus: entender a vida como dádiva, como graça, e toda a ação humana como resposta grata. Ela nada mais é do que socializar essa dádiva.

Em Jesus Cristo, esta vida como dádiva oferecida por Deus, antes mesmo de qualquer realização humana, tornou-se realidade. Nele todos os empecilhos para a liberdade estão superados; por isso não pode mais haver “judeu nem grego, nem escravo nem liberto, nem homem nem mulher” (Gl 3,28). Através da fé essa liberdade produz gratidão e a prática do amor. Por isso, “a fé se torna ativa no amor” (Gl 5,6).

Esse núcleo do Evangelho leva Paulo a correr o mundo próximo com uma urgência surpreendente. A teologia paulina nasce no diálogo com as comunidades: são desafios, riscos e ameaças presentes nas igrejas que o levam a desenvolver seu pensamento e conceber a realidade a partir da liberdade evangélica a que se dispõe a servir.

Esse é o distintivo do cristianismo gentílico-cristão que produziu o corpus de cartas paulinas na seguinte ordem cronológica: 1Ts (51 dC, escrita em Corinto), Gálatas e 1 e 2Cor (55-56 dC, escrita em Éfeso), Fl (56, na prisão em Cesaréia ou em 60, de Roma); Fm (60-63 dC, da prisão em Roma), Rm (58 de Corinto).

Uma geração após Paulo, influenciado pelo seu pensamento, produziu: Efésios, Colossenses, 2Tessalonicenses.

